

**CONCEPÇÕES, DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO NO ATENDIMENTO À  
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA EM DOIS  
MUNICÍPIOS**

***CONCEPTIONS, DIAGNOSIS AND INTERVENTION IN ADDRESSING THE  
DIFFICULTY OF LEARNING IN READING AND WRITING IN TWO  
MUNICIPALITIES***

***CONCEPCIONES, DIAGNÓSTICO E INTERVENCIÓN PARA ABORDAR LA  
DIFICULTAD DE APRENDIZAJE EN LECTURA Y ESCRITURA EN DOS  
MUNICIPIOS***

*Maria Tarciana Millen*

*tarcianaalmeida2@gmail.com*

*Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco.  
Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco*

*Maressa Souza Neiva*

*maessaneiva@hotmail.com*

*Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.  
Especialização em Neuropsicologia*

**RESUMO**

A Dificuldade de Aprendizagem (DA) na leitura e escrita pode ser entendida como a dificuldade apresentada pelo indivíduo durante o complexo processo de aprender a ler e escrever, em decorrência de fatores neurológicos, cognitivos, afetivos ou pedagógicos. Diante do crescente número de queixas de alunos possuírem DA na leitura e escrita ou mesmo a dislexia, o objetivo da pesquisa foi realizar um levantamento sobre como tem sido realizado o atendimento à DA na leitura e escrita em escolas da rede pública em dois municípios. Quarenta e dois participantes (gestores e coordenadores de escolas municipais e profissionais de núcleos de atendimento) responderam questionários semiestruturados sobre suas concepções sobre DA na leitura e escrita, seu diagnóstico e a intervenção nesses casos. A análise de dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo de Bardin. Comprovou-se que as concepções em torno DA na leitura e escrita são alvo de confusões teóricas. Observou-

se a ausência de uma equipe interdisciplinar no diagnóstico e tratamento da DA, bem como uma relação ainda distante entre família e escola. Pesquisas futuras são sugeridas.

**Palavras-chave:** Dificuldade de Aprendizagem. Leitura e Escrita. Dislexia. Diagnóstico. Intervenção.

#### **ABSTRACT**

Learning Disability (LD) in reading and writing can be understood as difficulty presented by individual during the complex process of learning to read and writing, due to neurological, cognitive, affective and pedagogical factors. In the face of growing number of complaints of students with LD in reading and writing or even dyslexia, the objective of research was to conduct a survey on how the assistance on LD in reading and writing have been realized in public schools in two municipalities. Forty-two subjects (managers and coordinators of public schools and professionals from care centers) answered semi-structured questionnaires about their conceptions about LD in reading and writing, their diagnosis and intervention in these cases. Data-analysis was conducted based on Bardin's Content Analysis. It was proven that conceptions around LD in reading and writing are targets of theoretical confusion. The absence of an interdisciplinary team in diagnosis and treatment of LD was observed, as well a still distant relationship between family and school. Future research is suggested.

**Keywords:** Learning disability. Reading and Writing. Dyslexia. Diagnosis. Intervention.

#### **RESUMEN**

La Dificultad de Aprendizaje (DA) en lectura y escritura puede entenderse como la dificultad que presenta el individuo durante el complejo proceso de aprender a leer y escribir, debido a factores neurológicos, cognitivos, afectivos o pedagógicos. Ante el creciente número de quejas de estudiantes con DA en lectura y escritura o incluso dislexia, el objetivo de la investigación fue realizar una encuesta sobre cómo se ha llevado a cabo la atención a la DA en lectura y escritura en las escuelas públicas en dos municipios. Cuarenta y dos participantes (gestores y coordinadores de escuelas municipales y profesionales de Centros de Atención) respondieron cuestionarios semiestructurados sobre sus concepciones de la DA en lectura y escritura, su diagnóstico e intervención en estos casos. El análisis de datos se realizó con base en el análisis de contenido de Bardin. Se comprobó que las concepciones en torno a la DA en lectura y escritura son objeto de confusión teórica. Se observó la ausencia de un equipo interdisciplinario en el diagnóstico y tratamiento de la EA, así como una relación aún distante entre familia y escuela. Se sugiere investigación futura.

**Palabras clave:** Discapacidad de Aprendizaje. Lectura y Escritura. Dislexia. Diagnóstico. Intervención.

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa buscou caracterizar o atendimento à Dificuldade de Aprendizagem (DA) na leitura e escrita em dois municípios de médio porte, levando em conta as concepções sobre o tema de profissionais envolvidos, os serviços oferecidos diante da DA e reflexões sobre os seus limites e possibilidades. Como método, foi utilizado um questionário respondido por gestores e coordenadores escolares e psicólogos da rede pública de educação de ambos os municípios. Diante do crescente número de queixas escolares a respeito de alunos com DA na leitura e escrita e diante da importância dessa habilidade para o desenvolvimento dos estudantes, o trabalho busca contribuir com reflexões teórico-práticas que fundamentem a intervenção diante deste cenário. Inicialmente são apresentados e definidos os conceitos principais que guiaram a pesquisa (dificuldade de aprendizagem, dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita e, mais especificamente, a dislexia). Em seguida, apresentam-se o método, os resultados e suas discussões. Por fim, busca-se traçar algumas conclusões e sugestões para futuras pesquisas.

## **DEFINIÇÃO DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

Conceituar Dificuldade de Aprendizagem (DA) é uma tarefa difícil, pois as definições são diversas (SILVA; NISTA-PICCOLO, 2010). De acordo com Gimenez (2005), o ponto chave dessa diversidade estaria relacionado à heterogeneidade da população com dificuldade de aprendizagem. Outro grande obstáculo estaria no próprio conceito de aprendizagem, pois aprender é um fenômeno complexo que envolve diversos aspectos, tanto relacionados ao aprendiz como ao meio no qual ele está inserido. A respeito disso, Vygotsky (1998) propõe que aprendizagem seria o resultado da interação dinâmica da criança com o meio social, na constituição de uma capacidade cognitiva. É produto do entrelaçamento do pensamento e da linguagem e se constitui no nível mais alto de funcionamento cognitivo, pois envolve a

reflexão, o planejamento e a organização, propiciados pelo pensamento verbal construído pela mediação simbólica e social.

É importante compreender que no processo de aprendizagem estão envolvidos o sujeito que aprende, o objeto de conhecimento e quem ensina, cuja função é criar as oportunidades e possibilidades de o indivíduo aprender. Todavia, quando considerado o processo de aprendizagem como sendo exclusivamente inerente ao sujeito, percebe-se um reducionismo biológico, que explica a situação e o destino de indivíduos e grupos através de suas características individuais, escondendo desse modo, outros determinantes desse processo (PATTO, 1990).

Sobre isso, Zucoloto (2007) aponta que tal discurso na educação está presente desde 1900, pautado na perspectiva da higiene escolar, em que já era realizada uma relação de causalidade entre desnutrição presente nas crianças de classes populares e o fracasso escolar. É proposta dessa maneira a ideia de que as crianças pobres não são aptas e capazes de obter sucesso na aprendizagem, “justificando a desigualdade social e ignorando determinantes sociais e políticos das dificuldades de escolarização” (ZUCOLOTO, 2007, p. 137). Utilizam-se dessa maneira, de explicações medicalizantes ou patologizantes (SOUZA, 1997). A dificuldade de aprendizagem, quando é assim pensada, fica sujeita a um reducionismo que enfraquece outros aspectos que a influenciam, como os afetivos e pedagógicos. É importante pontuar que o olhar médico nessas questões pode apresentar contribuições devido a sua capacidade de averiguar alguma disfunção fisiológica, porém, jamais pode ser critério exclusivo para tomada de decisão a respeito da DA.

Diante do exposto, será apresentada uma definição sugerida por Fonseca (2007). Segundo ele, a despeito de grandes avanços nas pesquisas, a definição de dificuldade de aprendizagem até hoje não é consensual, existindo ainda muitas controvérsias. Para o autor, os indivíduos com DA apresentam um potencial intelectual mediano, sem limitações visuais ou auditivas, mas revelam ainda dificuldades inesperadas na aprendizagem acadêmica (por exemplo na leitura, escrita e matemática) ou ainda em habilidades psicossociais ou motoras (por exemplo, aprender a orientar-se no espaço, a andar de bicicleta ou interagir socialmente com os seus pares), necessitando de uma intervenção interdisciplinar.

Por sua vez, Gimenez (2005) aponta que as dificuldades de aprendizagem são resultantes de uma constelação de fatores, seja de ordem pessoal, familiar, emocional, pedagógica e social, que só adquirem sentido quando referidos à história das relações e interações com o seu meio físico, social e escolar.

Contudo, verifica-se que muitas vezes o sistema educacional aponta o indivíduo que não aprende como único responsável pela sua incapacidade. Percebe-se assim que o interesse, na maior parte das vezes, consiste nos resultados e percentuais de reprovação ou aprovação e, por conseguinte, o que se observa é que as ações pedagógicas escolares estão inseridas num modo de pedagogia de exame que reprime o processo de ensino aprendizagem (SILVA; NISTA-PICOLLO, 2010).

Tendo sido definida a dificuldade de aprendizagem em geral, busca-se a partir de então, entender a DA no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

### **Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e Escrita e Dislexia: Qual a Diferença?**

Segundo a *International Dyslexia Association* a dislexia:

É um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem (ERCOLIN, 2008, p. 5).

De origem grega, dislexia significa distúrbio da linguagem. Essa dificuldade pode ocorrer no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Contudo, isso não significa que todos os problemas da fala, leitura e escrita possam ser associados à dislexia. É importante, também, esclarecer que disortografia, dislalia e disgrafia não são tipos de dislexia, mas sim, características que um disléxico pode vir apresentar.

Para Fonseca (2009), a dislexia consiste em uma DA específica, diferentemente de uma DA global, revelando uma discrepância entre o que é desempenhado no âmbito da

linguagem escrita e o que é esperado intelectualmente da criança e excluindo-se qualquer deficiência intelectual. Pode se apresentar atrelada a vários problemas de decodificação, captação e processamento de informação simbólica. Logo, o que acontece com a criança disléxica é uma falha no processamento da linguagem, independente de ela possuir acesso a condições adequadas para a aprendizagem, capacidade cognitiva geral apropriada e oportunidade sociocultural.

Para Salles, Parente e Machado (2004), entre as características da dislexia encontram-se as dificuldades no reconhecimento de palavras escritas, falhas no processamento fonológico da linguagem (consciência fonológica e memória de curto-prazo verbal) e lentidão de acesso à informação fonológica na memória de longo-prazo. As autoras concluem que os déficits residem no processamento fonológico da linguagem ao decodificar a linguagem escrita.

Baseado nos escritos de Boder (1973 apud PESTUN; CIASCA; GONÇALVES, 2002), existem três tipos de disléxicos: os disfonéticos, diseidéticos e mistos. Tal diferenciação é baseada nos tipos de erros que são produzidos nas diferentes condições de leitura (palavras familiares ou não familiares, longas ou curtas, de alta ou baixa frequência). Assim, entende-se que os disléxicos disfonéticos leem bem as palavras que lhes são familiares, ou seja, memorizam visualmente, mas não leem nem escrevem palavras que encontram pela primeira vez. Eles discriminam a palavra que veem, possivelmente, a partir do contexto e de indicações como a letra inicial ou a extensão da palavra. Os disléxicos diseidéticos, por sua vez, caracterizam-se por apresentarem uma leitura lenta, trabalhosa, mas correta, baseada na decodificação fonética. Leem tanto palavras familiares quanto não familiares, mas apresentam dificuldade em palavras irregulares (que não seguem regras ortográficas gerais), por exemplo, palavras em que o “s” tem som de “z”, palavras como “quero”, em que duas letras possuem o mesmo som, no caso “qu” possuem o som de “k”, etc. Os disléxicos mistos reúnem as dificuldades dos outros dois tipos e frequentemente apresentam confusões espaciais.

Para Pinheiro e Scliar-Cabral (2017), a dislexia é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a linguagem escrita, apresentando problemas relacionados à

leitura, soletração e escrita e pode estar associada a dificuldades de concentração, memória de curto prazo, organização e sequenciação (do alfabeto e dos dias da semana, por exemplo). Para as autoras, a dislexia não é causada por baixas capacidades intelectuais, escolaridade deficitária, estrutura familiar frágil ou recusa em aprender.

Diante do que foi apresentado, é possível responder à pergunta desse tópico: Dificuldade na leitura e escrita ou dislexia: qual a diferença? Assim, pode-se concluir que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem relacionada à leitura e escrita de modo específico, podendo existir outras dificuldades em aprender a ler e escrever diferentes dela. Isso se deve ao fato de que o processo de aprendizagem de leitura e escrita é complexo e envolve várias habilidades, dentre elas, habilidades metalinguísticas (MOTA, 2009; MALUF, 2003) e de compreensão leitora (MOTA; SPINILLO, 2013) que vão muito além do desenvolvimento da consciência fonológica e da decodificação de letras/palavras. Ao lado disso, encontram-se as expectativas de pais, professores e da própria criança durante o processo de alfabetização. Portanto, diversas dificuldades podem surgir nesse processo, as quais se devam a outros fatores, tais como afetivos, sociais ou pedagógicos, dificuldades essas que também poderão ser apresentadas por crianças não disléxicas. Nesse sentido, é muito importante identificar a que se deve de fato a DA específica de cada criança.

### **O Diagnóstico e Intervenção na DA na Leitura e Escrita e na Dislexia**

O diagnóstico de uma criança com DA na leitura e escrita deve ser feito de maneira cuidadosa, criteriosa e seguindo a avaliação interdisciplinar. De acordo com Lucca, Mancine e Dell'Agli (2008), é importante que o diagnóstico de uma criança com DA seja feito por uma equipe multidisciplinar, envolvendo o médico da criança, o pedagogo, o psicólogo, o psicopedagogo, bem como o professor e a família. A necessidade dessa equipe é fundamental, pois um único profissional não é o bastante para fornecer um diagnóstico preciso, tendo em vista que se devem analisar os vários aspectos que influenciam no processo de aprender, como os aspectos neurológicos, psicológicos, socioculturais, educacionais, dentre outros. Os autores apontam que, somente através de uma anamnese realizada com a família da criança,

caracterizando a queixa apresentada pelo professor, um exame clínico que investigue as possíveis disfunções neurológicas no sistema nervoso central, uma avaliação psicopedagógica que identifique o nível e as condições de aprendizagem dessa criança e um exame psicológico objetivando analisar características pessoais ou possíveis patologias, é que será possível realizar o diagnóstico.

Bray e Leonardo (2011) afirmam ter uma grande frequência de casos de alunos com DA, cuja causa principal pode ser atribuída ao processo de escolarização, serem encaminhados para diagnóstico com os profissionais da área da saúde. Por sua vez, os profissionais da educação anseiam por um lugar para onde possam encaminhá-los e de onde recebam um laudo revelador das causas individuais das dificuldades de aprendizagem. É comum que esses laudos confirmem muitas rotulações, sendo possível observar que os problemas escolares permanecem individualizados, ou seja, o aluno acaba carregando o peso de estereótipos de não possuir a capacidade de aprender. Enquanto isso, as dimensões sociais e educacionais continuam não sendo consideradas, principalmente por parte da instituição escolar.

Assim como é indispensável que a família esteja presente em todo o processo escolar da criança, é também necessária sua ativa participação durante a intervenção realizada com a criança que possua qualquer tipo de DA. Como propõe Andrada (2003), envolver a família, corresponsável no processo de educação de seus filhos, é imprescindível para que se possa colher dados acerca do outro sistema direto em que participa o aluno. Ainda sobre o tratamento, é importante considerar o aspecto escolar, uma vez que o tratamento não se baseia, na grande maioria das vezes, no uso de medicação e sim no treinamento de habilidades de caráter fundamentalmente pedagógico (ERCOLIN, 2008).

Tratando-se mais especificamente da dislexia, Lucca, Mancine e Dell’Agli (2008) pontuam que um programa estratégico de tratamento centrado na dislexia deve trabalhar com a aprendizagem fonológica da leitura e escrita, funções executivas de planejamento e organização e habilidades sociais. Estas intervenções visam repercutir, positivamente, não apenas no meio acadêmico do indivíduo, mas também em sua autoestima. Considerando que a mesma não tem cura, entende-se que o indivíduo disléxico vai compensar sua dificuldade de

ler com estratégias que facilitem seu aprendizado. Essas estratégias podem ser desenvolvidas com o auxílio de profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos que estejam engajados no tratamento. Não existe apenas um método para tratar a dislexia, o ideal é que seja elaborado um plano de trabalho multissensorial, gradativo e cumulativo, e quanto mais estimulação a criança receber, melhor será seu desenvolvimento.

De maneira geral, seja em casos específicos de dislexia ou em outros casos de DA na leitura e escrita, “avaliar sem intervir não faz sentido, porque não permite ultrapassar as dificuldades” (TELES, 2004, p. 726). Após a avaliação e com base nos resultados levantados, devem ser implementadas medidas de intervenção adequadas a cada caso. Mais especificamente na dimensão escolar, diante do diagnóstico, é preciso traçar estratégias entre a escola e a família e orientar os pais para que seja estabelecida uma parceria.

Nesse cenário, é importante compreender como tem sido realizado o atendimento às crianças com DA na leitura e escrita, sendo esse o objetivo geral do presente estudo. De modo específico, buscou-se compreender quais as concepções a respeito dessa DA apresentada por gestores e coordenadores escolares e equipe de profissionais envolvidos no diagnóstico e tratamento da DA relacionada à leitura e à escrita.

## **MÉTODO**

Participaram desse estudo, de caráter exploratório, trinta e seis gestores e coordenadores pedagógicos de diferentes escolas municipais de duas cidades de médio porte (Grupo A), bem como dois psicólogos e quatro psicopedagogos de núcleos que atendem crianças com dificuldade de aprendizagem advindas de escolas de ambas as cidades (Grupo B). Esses eram todos os psicólogos e psicopedagogos que trabalharam nos dois núcleos. Portanto, o número de participantes correspondeu a quarenta e dois profissionais no total.

Foram distribuídos questionários aos gestores e coordenadores pedagógicos que estavam presentes em reuniões gerais de capacitação promovidas pelas secretarias de educação das prefeituras das duas cidades. Para o preenchimento dos questionários pelos

profissionais dos Núcleos de Atendimento, foram realizadas visitas em seu contexto de trabalho e seguidos os mesmos procedimentos éticos citados acima. O questionário utilizado foi de caráter semiestruturado, apresentando perguntas abertas e de múltipla escolha.

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética, tendo recebido parecer favorável (Protocolo de aprovação emitido pelo comitê de ética: nº 0008/140613 CEDEP/UNIVASF). Antes da resposta aos questionários, foi realizada a explicação sobre a pesquisa aos participantes, seus objetivos e procedimentos, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As respostas dos questionários foram analisadas com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos, descrição do conteúdo das mensagens obtidas através das respostas dos participantes. Assim, os dados dos questionários foram inicialmente categorizados por meio da similaridade entre repostas que apresentaram significados idênticos ou semelhantes. Posteriormente, foi considerada a frequência das repostas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível observar, na Tabela 1, que a DA na leitura e escrita é entendida por muitos dos participantes (Grupo A e B) como algo de ordem intrínseca à criança ou à família. Tal resultado aponta para compreensões um tanto reducionistas, em que o processo ensino-aprendizagem é possivelmente visto como sendo de mão única, envolvendo apenas o aluno. Tal dado corrobora com pesquisas já realizadas (BRAY; LEONARDO, 2011; SILVA; NISTA-PICOLLO, 2010). No entanto, estão envolvidos no processo de aprendizagem tanto o sujeito que aprende como quem ensina, visto que a criança constrói seus conhecimentos numa relação dialética com o mundo em que vive.

Tabela 1 - Concepções sobre a Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e Escrita

Como você entende a DA na Leitura e Escrita?	Frequência
Grupo A (n =36)	

---

Fatores intrínsecos à criança ou família	23
Dificuldade de ler e escrever	8
Estágio comum no desenvolvimento de leitura e escrita	2
Analfabetismo funcional	2
Método ruim do professor	1

---

Grupo B (n = 7)	
Fatores intrínsecos à criança	3
Dificuldade de aprender/assimilar conteúdo	4

---

Fonte: As autoras. Nota: Grupo A: gestores e coordenadores, Grupo B: psicólogos e psicopedagogos, n: total de respostas.

Para Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre na interação dinâmica da criança com o meio social, envolvendo assim, não somente a criança e sua família, mas também o professor e seus métodos (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Nesse sentido, chama a atenção a categoria “Método ruim do professor”, pois apenas um participante apontou o contexto escolar como interferente no processo de DA na leitura e escrita.

Notou-se que, em algumas respostas que apontam a DA como sendo de ordem intrínseca à criança, alguns participantes indicaram algum tipo de comprometimento físico/orgânico, sem, contudo, especificá-lo. É possível remeter isso à patologização do sujeito, e, como pontua Zucoloto (2007), o não rendimento escolar da criança é visto como “sintoma de uma doença localizada no indivíduo” (p. 137).

Os dados demonstram ainda certa incompreensão por parte dos profissionais pesquisados (Grupo A e B) acerca da DA, ou até mesmo uma compreensão fragmentada. Exemplos disso são algumas categorias, ainda na Tabela 1, como: “estágio comum no desenvolvimento de leitura e escrita” e “analfabetismo funcional” que demonstram uma incompreensão sobre o fenômeno. Assim, percebe-se que alguns profissionais apresentaram conhecimentos insuficientes acerca da temática.

Tais dados são corroborados por Osti (2004 apud SILVA; NISTA-PICOLLO, 2010) em estudo realizado com professores, objetivando conhecer a percepção desses profissionais sobre a DA. Observou-se que 90% dos professores definem a DA como lentidão ou a

incapacidade do aluno para assimilar informações, sendo revelada quando o aluno não atinge o nível mínimo esperado. Somente 10% dos professores envolvidos na pesquisa apontaram a DA como a soma de vários fatores, como o social, cultural, psicológico e neurológico. Tais resultados revelam que a percepção do professor em relação à DA está diretamente ligada ao aluno individualmente, sendo considerada uma característica intrínseca a ele.

A seguir, serão apresentados os resultados encontrados diante da pergunta: Existe diferença entre DA na leitura e escrita e dislexia? Todos os participantes que sim. Essa pergunta foi feita apenas aos psicólogos e psicopedagogos dos núcleos de atendimento e as diferenças apontadas pelos profissionais estão na Tabela 2.

Diante das diferenças apresentadas pelos profissionais entre a DA na leitura e escrita e a Dislexia, nota-se que algumas apresentam-se adequadas e outras inadequadas. As categorias “Dislexia é um distúrbio no aprendizado da leitura”, “A dislexia é de natureza orgânica e neurológica”, e “Dislexia é um problema persistente” são categorias condizentes com o que é apresentado na literatura, pois, a dislexia é um transtorno específico e persistente da leitura e da escrita (SALLES; PARENTE; MACHADO, 2004; MICHALICK, 2005), de origem neurofuncional, caracterizado por um inesperado e substancial baixo desempenho da capacidade de ler e escrever (RIBEIRO, 2005).

Sendo assim, é exatamente por isso que a categoria “A dislexia relaciona-se a mais conteúdos” é inadequada, tendo em vista que a criança com dislexia não possui problemas de inteligência geral, estando relacionada ao aprendizado específico da escrita e da leitura. Há também um equívoco na categoria “DA é de ordem neurológica”, pois, como apresentado anteriormente, os comprometimentos neurológicos não são necessariamente características das dificuldades de aprendizagem. Portanto, foram percebidos indícios de que essa diferença ainda não é bem compreendida por todos os profissionais participantes.

Tabela 2 - Diferença entre DA na leitura e escrita e dislexia.

Existe diferença entre DA na leitura e escrita e Dislexia? (n=6)	Frequência
Sim	6
Por que são diferentes? (n=10)	Frequência

---

Dislexia é um distúrbio no aprendizado da leitura	1	
A dislexia é de natureza orgânica e neurológica	1	
DA relaciona-se a problemas escolares	1	
A DA é um problema restrito a alguns conteúdos	1	
A dislexia relaciona-se a mais conteúdos	1	
Dislexia é um problema persistente (terá por toda vida)	2	
DA é superada em pouco tempo	1	
DA é de ordem neurológica	1	
Dislexia é de ordem cognitiva	1	
Não		0

---

Fonte: As autoras. Nota: n: total de respostas.

Quanto ao diagnóstico de DA, é possível observar, na Tabela 3, que a maioria das respostas do Grupo A diz respeito à realização de avaliações escolares por parte do professor, seguido da observação do professor e avaliações pela psicopedagoga, pelo professor de Atendimento Escolar Especial (AEE), ou ainda, por algum outro professor que não o mesmo que acompanha a criança em sala de aula. Os entrevistados, na grande maioria, citaram utilizar essa prática.

Mesmo não havendo um detalhamento ou explicação mais clara por parte dos participantes sobre tais avaliações (modo e/ou instrumentos utilizados) é possível refletir que diante das diversas maneiras possíveis para realização de diagnóstico, a utilização de testes escolares de leitura e escrita pode não ser suficiente para a realização deste diagnóstico. É possível que tais testes que envolvam reprodução de sons, leitura e ditado de palavras e frases (existentes e inventadas) isoladas ou descontextualizadas, interpretação, redação, respostas a perguntas que nem sempre fazem parte da realidade social das crianças e que, sobretudo,

dependem de aprendizados anteriores. Portanto, propor atividades relacionadas ao seu contexto social, privilegiando a criatividade e a liberdade de ação, seria uma forma mais legítima de conhecê-las (RIBEIRO, 2005). Soma-se a isso, a necessidade já exposta de uma avaliação por equipe interdisciplinar, aspecto abordado na Tabela 3.

Tabela 3 - Diagnóstico da DA na leitura e escrita

Qual o modo como geralmente se dá o diagnóstico em situações em que existe hipótese de DA na leitura e escrita?	Frequência
Grupo A (n=41)	
Avaliação escolar por parte do professor	17
Observação professor	11
Avaliação da psicopedagoga/ professor de AEE/outro professor	8
Laudo Médico	2
Não respondeu	3
Grupo B (n=7)	
Anamnese	1
Avaliações de tempo e espaço	1
Busca informações do professor	1
Avaliação com atividades de leitura e escrita	3
Conversa com pais ou responsáveis da criança	1

Fonte: As autoras. Nota: Grupo A: gestores e coordenadores, Grupo B: psicólogos e psicopedagogos, n: total de respostas.

Algo que também chama atenção na realização de diagnósticos, é que entre todos os participantes da pesquisa (Grupo A e B) a busca por informações do contexto familiar foi citada apenas uma vez. É evidente a importância da família no processo de aprendizagem da criança, assim como é fundamental investigar sobre isso diante de situações de DA na leitura e escrita (LUCCA; MANCINI; DELL'AGLI, 2008). Além do mais, “o sucesso da tarefa da escola depende da colaboração familiar ativa” (SOUZA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 3).

Também foi perguntado aos participantes se existe suporte de equipe multi ou interdisciplinar em possíveis casos de DA na leitura e escrita. As respostas encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4 - Suporte profissional diante da DA.

Existe suporte profissional interno ou externo diante de possíveis casos de D.A.?		Frequência
Grupo A (n=36)		
Sim		24
	Profissionais citados (n=24)	Frequência
	Professora de AEE	11
	Professor de programas escolares	5
	Coordenação Pedagógica	4
	Psicopedagoga	3
	Neuropsicopedagoga	1
Não		12
Grupo B (n=6)		
Sim		3
	Profissionais citados (n=5)	Frequência
	Psicopedagoga	2
	Pedagogo	1
	Psicólogo	1
	Fonoaudióloga	1
Não		3

Fonte: As autoras. Nota: Grupo A: gestores e coordenadores, Grupo B: psicólogos e psicopedagogos, n: total de respostas.

Observou-se que, mesmo diante da importância de equipes interdisciplinares para realização de diagnósticos, infelizmente a mesma não foi encontrada nos contextos pesquisados. Quinze participantes apontaram que não existe nenhum tipo de suporte de

profissional interno ou externo na instituição diante de possíveis casos de DA, as outras vinte e sete pessoas assinalaram que existe um ou outro profissional, mas não a equipe.

Percebe-se, portanto, a necessidade de profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos e pedagogos, que poderiam realizar um trabalho fundamental, com avaliações mais precisas, dando suporte necessário à escola, às crianças e à família. Quanto a isso, vale destacar que, nos dois municípios de médio porte pesquisados, foram encontrados apenas dois psicólogos e quatro psicopedagogos, no total, que trabalhavam nos núcleos de atendimento diante dos casos de DA de toda a rede pública.

Referente à importância desses profissionais, é relevante evidenciar o papel do psicólogo escolar educacional. Como postula Vokoy e Pedroza (2005), a prática desse profissional deve ser pautada nos seguintes pontos: trabalho com os professores, etnografia como metodologia, interdisciplinaridade, trabalho junto às famílias e trabalho com a criança, o que aponta para a necessidade da presença desse profissional no meio escolar.

A respeito da intervenção em casos de DA na leitura e escrita, a maioria dos profissionais pontuou que realizam um acompanhamento diferenciado em sala, como se observa na Tabela 5. Cabe destacar a importância desse acompanhamento, pois a escola deve promover atividades diferenciadas e significativas de leitura e escrita que tenham sentido para os alunos e que assim auxiliem em seu processo de aprendizagem, visto que é possível que o desenvolvimento de situações educativas provoque mudanças no desenvolvimento da criança.

Tabela 5 - Caracterização da intervenção realizada na DA<sup>1</sup>

Como é realizada a intervenção nos casos diagnosticados de DA na leitura e escrita? (n=38)	Frequência
Programa escolar (Se liga, Acelera, reforço, atendimento individual/grupal)	17
Acompanhamento diferenciado em sala	18

<sup>1</sup> Esta questão foi apresentada apenas ao grupo dos gestores e coordenadores pedagógicos (Grupo A), pois era sabido pelas pesquisadoras que o grupo de técnicos dos núcleos de atendimento (Grupo B) não realiza a intervenção, apenas o diagnóstico, bem como não possui informações sobre como o tratamento é realizado posteriormente.

---

Parceria com a família	2
Encaminha para profissional externo	1

---

Fonte: As autoras. Nota: n: total de respostas.

Observa-se também, na Tabela 5, que as intervenções são realizadas por meio de programas escolares voltados ao acompanhamento específico para essas crianças. Isso é muito importante, pois a escola demonstra possuir um suporte programado para acompanhá-las. Por outro lado, permanece o questionamento: até que ponto tais programas se adéquam de fato às especificidades de cada aluno? Quais as práticas educativas realizadas têm conseguido auxiliar na superação da DA na leitura e escrita? Estas questões são muito relevantes para pesquisas futuras.

O que merece atenção mais uma vez, é que o contexto familiar é citado por apenas dois profissionais. Esse dado expressa a necessidade de que a escola passe a funcionar mais em parceria com a família. Outro aspecto preocupante é o fato de a intervenção em casos de DA não passar pelos núcleos de atendimento psicopedagógicos dos municípios, que lidam apenas com o seu diagnóstico. Esses profissionais também não possuem mais informações posteriores a respeito da intervenção feita pela escola nos casos por eles diagnosticados. Assim, o diagnóstico e o tratamento são realizados de forma fragmentada, permanecendo a escola sem suporte interdisciplinar.

Ainda sobre o trabalho interdisciplinar, vale destacar a necessidade de que o professor, junto aos demais profissionais da educação, trabalhe e desenvolva essa nova competência, na educação em serviço, voltada ao trabalho em equipe interdisciplinar. Também se destaca a necessidade de mais profissionais para compor a rede de atendimento a DA, como uma estratégia de política pública educativa.

## **CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluindo, percebe-se que três aspectos se destacam ao longo das análises: 1) a visão reducionista a respeito da DA na leitura e escrita, voltada sobremaneira para o sujeito que aprende, em uma perspectiva individualizante e que não leva em conta o contexto da criança; 2) a ausência de equipes multi e interdisciplinar no diagnóstico e intervenção nos casos de DA e 3) ainda se observa uma distância na relação entre escola e família nesse processo.

Sugere-se que mais estudos sejam realizados a respeito da temática, analisando-se, por exemplo, quais e como são realizadas as propostas pedagógicas desenvolvidas especificamente para a DA na leitura e escrita e/ou dislexia, que possam ser tomadas como modelos favoráveis para a aprendizagem da criança. Este aspecto parece ser fundamental para pesquisas futuras.

Outro aspecto interessante a ser mais explorado é a respeito das concepções dos professores sobre a DA, suas características, diagnóstico e intervenção. O modo como professores enxergam esse processo pode explicar muito a respeito dos entraves nele encontrados. Entendendo melhor tais concepções é possível intervir melhor para superar a DA.

Ainda a respeito dessas concepções, resta compreender se os professores, assim como os outros profissionais da educação, possuem o conhecimento necessário para diferenciar a dislexia de outras DA no âmbito da leitura e escrita. Essa diferenciação é fundamental para o diagnóstico e intervenção e há indícios que tal diferença não é ainda bem compreendida pelos profissionais envolvidos.

Por fim, se faz necessária a implementação de políticas públicas voltadas para a educação que privilegiem a formação e fortalecimento de equipes interdisciplinares para o diagnóstico e intervenção diante da DA na leitura e escrita, bem como nas dificuldades de aprendizagem em geral.

## REFERÊNCIAS

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Focos de intervenção em psicologia escolar. **Revista de Psicologia Escolar Educacional**, v. 9, n. 1, p. 163-165, 2005.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100019>

BARBOSA, Maria Rejane; MARINHO-ARAÚJO, Clasy Maria. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n.3, p. 393-402, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300011>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRAY, Cristiane Toller; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. As queixas escolares na compreensão de educadoras de escolas públicas e privadas. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v.15, n.2, p.251-261, 2011. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/pee/a/yYFnypTxJMHyjpitH7qKMbq/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 20 set 2021.

ERCOLIN, Eliza Helena. (2008). Dislexia: mais um diagnóstico para justificar o fracasso da escola. **REVELA: Periódico de Divulgação Científica da FALS**, v.II, n.03., p.1-10, 2008. Disponível em: <<http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/dislexia.pdf>> Acesso em: 20 set 2021.

FONSECA, Vitor da. Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas. **Revista Psicopedagogia**, v. 24, n. 74, p. 135-148, 2007. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200005&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 17 set. 2021.

FONSECA, Vitor da. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. **Revista Psicopedagogia**, v.26, n.81, p.339-356, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862009000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300002&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 17 set. 2021.

GIMENEZ, Eloisa Hilsdorf Rocha. Dificuldade de Aprendizagem ou Distúrbio de Aprendizagem? **Revista de Educação**, v. 8., n.8., p.78-83, 2005. Disponível em:  
<<https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/2214>> Acesso em: 20 set. 2021.

JANUTH, Roberta. **O psicopedagogo e sua intervenção nas dificuldades de aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Psicopedagogia), Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Itaguaçu, 2008.

LUCCA, Silvana Aparecida de; MANCINE; Márcia Sandeville; DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga. Dificuldade de aprendizagem: contribuições da avaliação neuropsicológica. **Revista Científica do UNIFAE**, v.2, n.1, p. 32-42, 2008. Disponível em:  
<[https://www.fae.br/2009/PensamentoPlural/Vol\\_2\\_n\\_1\\_2008/artigo\\_dificuldadedeaprendizagem\\_contribuicoes.pdf](https://www.fae.br/2009/PensamentoPlural/Vol_2_n_1_2008/artigo_dificuldadedeaprendizagem_contribuicoes.pdf)> Acesso em: 20 set. 2021.

MALUF, Maria Regina. (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização.** Casa do Psicólogo: São Paulo, pp. 119-148, 2003.

MOTA, Márcia. (Org.). **Desenvolvimento metalinguístico: questões contemporâneas.** Casa do Psicólogo: São Paulo, pp. 55-76, 2009.

MOTA, Márcia Peruzzi E. da.; SPINILLO, Alina Galvão. (Orgs.). **Compreensão de textos.** Casa do Psicólogo: São Paulo, pp.13-36, 2013.

MICHALICK, Mirele Franca. **Perfil cognitivo da dislexia de desenvolvimento em português.** Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

PATTO, Maria Helena Sousa. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

PESTUN, Magda Solange Vanzo; CIASCA, Sylvia; GONÇALVES, Vanda Maria Gimenes. A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, v.60, n.2-A, p. 328-332, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anp/a/HhNHjDcYFsMWvkJ5VZkVyfG/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 20 set. 2021.

SOUZA, Marilene Proença Rebelo de. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. Em MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebelo de. (Orgs.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos.** São Paulo, Casa do Psicólogo, pp.63-78, 1997.

RIBEIRO, Marta Flora Almeida Dias. **“Ler bem para aprender melhor”: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Psicologia), Universidade do Minho, Braga, 2005.

SALLES, Jerusa Fumagalli de; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta; MACHADO, Simone da Silva. As dislexias de desenvolvimento: aspectos neuropsicológicos e cognitivos. **Interações**, v.9, n.17, p.109-132, 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072004000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072004000100007&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 17 set. 2021.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da; NISTA-PICCOLO, Vilma Lene. Dificuldade de aprendizagem na perspectiva das inteligências múltiplas: um estudo com um grupo de crianças brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação**, v.23, n.2, p. 191-211, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/374/37417086009.pdf>> Acesso em: 20 set. de 2021.

SOUZA, Ana Paula de; JOSÉ FILHO, Mário. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educação**, v.44, n.7, p. 1-8, 2008. <https://doi.org/10.35362/rie4472172>

TELES, Paula. Dislexia: Como identificar? Como intervir? **Revista Portuguesa Clinica Geral**, v.20, n.7, p.13-30, 2010. Disponível em: [http://www.aevagos.edu.pt/pluginfile.php/1718/mod\\_resource/content/1/Dislexia.pdf](http://www.aevagos.edu.pt/pluginfile.php/1718/mod_resource/content/1/Dislexia.pdf)> Acesso em: 20 set. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOKOY, Tatiana; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. **Psicologia Escolar Educacional**, v.9, n.1, p.37-46, 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100009&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 20 set. 2021.

ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v.17, n.1, p.136-145, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822007000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 set. 2021.